

João Manoel da Silva Malheiro



Universidade Federal do Pará
joaomalheiro@ufpa.br

**Evanilse Maria Leite Fernandes
Sales**



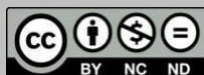
Faculdade Einstein - Facei
eva.orientadora.aba@gmail.com

Submetido em: 24/02/2022

Aceito em: 21/11/2022

Publicado em: 25/03/2023

 [10.28998/2175-6600.2023v15n37pe13417](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2023v15n37pe13417)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

SABERES NECESSÁRIOS AO ACUPUNTURISTA: UM OLHAR A PARTIR DOS PROFESSORES FORMADORES

RESUMO

Saberes inerentes a acupunturistas para uma prática eficiente é fundamental. Objetivamos analisar saberes que os acupunturistas precisam ter para desenvolver uma prática eficiente. Este estudo qualitativo, com entrevistas semiestruturadas, foi realizado com quatro professores formadores da Associação Brasileira de Acupuntura. As respostas foram avaliadas por análise de conteúdo, emergindo três categorias: ensinamentos além dos conteúdos; saberes para o êxito profissional e saberes do bom acupunturista. Os dados analisados evidenciaram que os saberes dos acupunturistas devem ser: disciplinares, curriculares e pedagógicos. Esses conhecimentos, não são suficientes para a formação de bons profissionais, pois precisam de saberes holísticos para lidar com as vicissitudes da pessoa humana.

Palavras-chave: Saberes Docentes. Acupuntura. Professor Formador. ABA

NECESSARY KNOWLEDGE FOR ACUPUNCTURISTS: A LOOK FROM TEACHER TRAINERS

ABSTRACT

Knowledge inherent to acupuncturists for efficient practice is fundamental. We aimed to analyze the knowledge that acupuncturists need to have in to develop an efficient practice. This qualitative study, with semi-structured interviews, was carried out with four teacher trainers from the Brazilian Association of Acupuncture. The answers were evaluated by content analysis, and three categories emerged: teachings beyond the contents; knowledge for professional success, and knowledge of the good acupuncturist. The analyzed data showed that the knowledge of acupuncturists should be disciplinary, curricular and pedagogical. This knowledge is not enough to form good professionals, because they need holistic knowledge to deal with the vicissitudes of the human being.

Keywords: Teaching Knowledge. Acupuncture. Teacher Trainer. ABA

CONOCIMIENTOS NECESARIOS PARA EL ACUPUNTOR: UNA MIRADA DESDE LOS FORMADORES DE PROFESORES

RESUMEN

Los conocimientos inherentes a los acupuntores para una práctica eficiente son fundamentales. Nuestro objetivo es analizar los conocimientos que deben tener los acupuntores para desarrollar una práctica eficiente. Este estudio cualitativo, con entrevistas semiestruturadas, se realizó con cuatro formadores de profesores de la Asociación Brasileña de Acupuntura. Las respuestas se evaluaron mediante un análisis de contenido, y surgieron tres categorías: enseñanzas más allá de los contenidos; conocimientos para el éxito profesional y conocimientos del buen acupuntor. Los datos analizados mostraron que los conocimientos de los acupuntores deben ser: disciplinarios, curriculares y pedagógicos. Este conocimiento no es suficiente para formar buenos profesionales, porque necesitan un conocimiento holístico para tratar las vicisitudes del ser humano.

Palabras clave: Conocimiento de la enseñanza. Acupuntura. Formador de profesores. ABA

1 APRESENTAÇÃO

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC), surgiu na China há milhares de anos, se caracterizando como um sistema médico integral, que faz uso de uma linguagem que descreve de forma simbólica as leis que regem a natureza, valorizando uma relação harmônica entre todas as partes, objetivando sua integridade. Tem como fundamento a teoria Yin-Yang, que hipoteticamente se organiza em torno do equilíbrio de dois princípios ou forças fundamentais, na perspectiva de fenômenos opostos (mas complementares), objetivando a equilibração dessas dualidades (BRASIL, 2006; MACHADO; OLIVEIRA; FACHINE, 2012).

Apesar desse contexto, o prof. Evaldo Martins Leite, em entrevista concedida no dia 16 de julho de 2012 (ROCHA; GALIAN, 2016), destaca uma lenda bem curiosa sobre a origem da acupuntura ao considerar que a mesma é muito anterior ao chinês; na verdade, a civilização da Atlântida teria sido o berço da acupuntura. A destruição da Atlântida favoreceu a expansão da acupuntura, porque, com o desaparecimento daquele núcleo, os sobreviventes se espalharam pelo mundo. Segundo essa lenda, quando a Atlântida foi destruída, os mais cultos, os mais importantes, os mais sabedores a respeito do assunto foram para a China, e os demais foram para as outras regiões do mundo, inclusive, para as Américas e África.

O que nos é apresentado em diversas literaturas sobre o assunto é que a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) surgiu há pelo menos três mil anos, porém, a acupuntura passou a ser incluída em 1999 pelo Ministério da Saúde na Tabela Sistema de Informações Ambulatoriais (SAI/SUS) como consulta médica em acupuntura (código 0701234) (MÜLLER, 2016).

De acordo com Esteves et al. (2017) a multiplicidade de resultados terapêuticos positivos, com facilidade de aplicação de suas técnicas, seus raríssimos efeitos colaterais e, principalmente, o contentamento das pessoas que procuram por essa terapia alternativa, além dos procedimentos de baixo custo, são alguns dos muitos fatores característicos da acupuntura.

Nesse sentido, acreditamos que, em toda a história do ensino e da aprendizagem da Medicina Tradicional Chinesa, nunca se exigiu tanto dos professores formadores de acupunturistas, em primeiro lugar, em virtude de um número tão grande de patologias que surgem e sua rápida propagação pelo mundo; em segundo lugar pela necessidade premente de formar de forma humanística profissionais capazes de tratar, além dos males do corpo, também os problemas da psique (PIVETTA, 2015).

Além de novas competências e saberes, a sociedade espera que os novos acupunturistas também desenvolvam a capacidade de promover continuamente seu próprio aprendizado, tornando-se cada vez melhores na cura dos males do corpo e da alma (TESSER; DALLEGRAVE, 2020).

Segundo o Prof. Evaldo Martins Leite, no final de 1958 foi fundada a Sociedade Brasileira de Acupuntura e Medicina Oriental, sendo que em 1972, após mudanças nos estatutos, foi criada a Associação Brasileira de Acupuntura, que desde então, promove cursos de Acupuntura em quase todos os estados da federação, formando centenas de acupunturistas anualmente (ROCHA; GALLIAN, 2016).

Enquanto estudante do Curso de Formação de Acupunturistas da Associação Brasileira de Acupuntura (Polo Belém), ao longo de dois anos de atividades, podemos perceber prática pedagógica bem diversificada entre os professores que ministraram as diversas disciplinas que compõem a estrutura curricular.

Em conversas informais com colegas de turma, sempre surgia um momento de insegurança com relação a se realmente estaríamos aptos para desenvolver a prática da acupuntura com segurança e presteza, objetivando contribuir na recuperação das pessoas enfermas que buscassem nossa ajuda.

Nesse sentido, por avaliarmos que nosso curso de formação de acupunturista deve também nos preparar para fazer um atendimento com eficiência para “além das agulhas” (NUNES *et al.*, 2017), nos propomos a analisar que saberes os professores formadores de acupunturistas da ABA (Polo Belém) consideram pertinentes a acupunturistas neófitos e como esses conhecimentos são movimentados no sentido de realizar atendimentos eficientes.

Nesse sentido, diante da diversidade de perfis epistemológicos formativos do corpo docente da ABA que ministrou disciplinas em nossa turma, que nos sentimos instigados a realizarmos essa pesquisa, onde objetivamos analisar junto aos professores formadores da ABA, que saberes consideram pertinentes aos futuros acupunturistas, e como esses saberes são movimentados no sentido de realizar uma prática clínica eficiente.

2 O SURGIMENTO DA ACUPUNTURA

Segundo o prof. Evaldo Leite, a acupuntura chinesa chegou ao Brasil, provavelmente, em 1808. “Esta introdução se deu por meio da imigração de acupunturistas de Macau, trazidos por Dom João VI; naquela época, Macau era possessão portuguesa” (ROCHA; GALIAN, 2016, p. 244). Destaca ainda que “em 1958,

há referências de acupunturistas que vieram para São Paulo, japoneses que vieram para a região do Vale do Ribeira, e japoneses que foram para o Pará para o cultivo de pimenta do reino, na região de Tomé-Açu” (p. 244).

Todavia, ressalta que em 1908 chegou ao Brasil o navio japonês “Kasato Maru, trazendo imigrantes e também acupunturistas; a partir daí, houve continuidade da acupuntura, porém, restrita e limitada à colônia, até mesmo por questões de preconceitos, provavelmente, eles se defendiam assim, se fechando...” (ROCHA; GALIAN, 2016, p. 244).

Apesar de “ser reconhecida como especialidade médica e seja cada vez mais utilizada por profissionais e pacientes, no Brasil o seu ensino nas escolas médicas ainda é insuficiente, apesar do interesse dos alunos em estudá-la” (CARNEVALE et al., 2017, p. 142). Portanto, a acupuntura pode ser considerada como “uma tecnologia de intervenção em saúde que aborda de modo integral e dinâmico o processo saúde-doença no ser humano, podendo ser usada isolada ou de forma integrada com outros recursos terapêuticos” (BRASIL, 2006, p. 14).

De maneira geral, a acupuntura consiste num conjunto de técnicas que possibilitam estímulos precisos em partes anatômicas do corpo por meio da colocação superficial na pele, de agulhas metálicas filiformes, buscando a melhora e/ou a manutenção/recuperação da saúde, bem como o cuidado na prevenção de agravos e doenças. Hoje em dia, acreditamos que a estimulação de determinados pontos de acupuntura promova “a liberação, no sistema nervoso central, de neurotransmissores e outras substâncias responsáveis pelas respostas de promoção de analgesia, restauração de funções orgânicas e modulação imunitária” (BRASIL, 2006, p. 14).

Nesse sentido, com a ampliação do número de pessoas que procuram por atendimento com base na acupuntura, é necessário redimensionar uma nova formação de professores formadores de acupunturistas, que possa contemplar esses tempos pandêmicos que estamos vivendo na sociedade, são perspectivas importantes que devem ser levadas em conta atualmente, pois, segundo Nunes et al. (2017), a prática da acupuntura não se limita a aplicação de agulhas, pois,

o exercício da medicina chinesa pressupõe uma relação de integração e proximidade medicina-doença e médico-paciente. O indivíduo é visto como integrante do macrocosmo, possuindo nele mesmo uma reflexão deste macrocosmo e com ele interagindo. A saúde e a doença não são vistas como estados estanques, distintos e bem delimitados, mas como uma espécie de amálgama composto por forças mais ou menos determinantes, encontradas tanto no indivíduo como fora dele (IORIO; ALVARENGA; YAMAMURA, 2004, p. 224).

Desse modo, para que a pessoa tenha uma vida saudável e livre de doenças do corpo e da alma (CINTRA; PEREIRA, 2012), a acupuntura age no sentido de “restabelecer o equilíbrio da energia interna do indivíduo, que pode ter sido perturbada por fatores internos ou externos, como emoções reprimidas, alimentação inadequada, fatores vários do meio ambiente, além, é claro, de predisposições individuais” (IORIO; ALVARENGA; YAMAMURA, 2004, p. 224).

De acordo com o prof. Evaldo Leite, apesar do grande preconceito (hoje bem menos) pronunciado por muitas pessoas com relação a prática da acupuntura, destaca que o importante é “fazer o melhor, o mais justo, o mais certo... aquilo que minhas convicções e meus ideais me apontaram como honesto, digno [...] e, posso dizer, como arma para ajudar o outros. Acredito que ajudei e ajudo, ensinei e ensino a ajudar” (ROCHA; GALLIAN, 2016, p. 246).

Portanto, os saberes e as formas de aprender e de ensinar “tradicionalmente desenvolvidos pela escola mostra-se cada vez mais obsoletos e desinteressantes para os alunos. O professor, então, vê-se desafiado a aprender a ensinar de modo diferente do que lhe foi ensinado” (FIORENTINI et al., 2005, p. 89).

2 UM OLHAR SOBRE OS SABERES DOCENTES

No decorrer de nossa vida estudantil, vivenciamos práticas pedagógicas diversas, com professores que nos marcaram, quer por sua didática excepcional (associada a humanidade), quer por suas incompletudes, com relação a estratégias que utilizam para ensinar os conteúdos. Com relação aos professores formadores de acupunturista, essa prática não é diferente. Os predicados positivos desses docentes que se dedicam de “corpo e alma” a ação docente, os destacam dos demais por suas práticas dinâmicas e contextualizadas que se tornam referência para todos (SILVA; TESSER, 2013).

Nessa perspectiva, quais os saberes que um professor precisa ter para se tornar um professor eficiente? “O que deveria saber todo aquele que planeja exercer esse ofício?” (GAUTHIER, 1998, p.18), em especial um professor que se dedica a ensinar os fundamentos teóricos e práticos da acupuntura. Muitos pesquisadores têm se dedicado ao longo do tempo para encontrar resposta convincentes para essas questões.

Nessa perspectiva, nos apoiamos em pesquisas realizadas por Tardif (2002) e Gauthier (1998), dentre outros, objetivando definir claramente quais esses saberes que estamos considerando, além de analisar de que forma esses saberes são inerentes a nossa forma de ensinar. Destarte, “a noção de ‘saber’ remete a um sentido amplo que

engloba os conhecimentos, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes” (TARDIF, 2002, p. 60, destaque do autor).

Tardif (2002) considera que os saberes docente, em geral, se classificam em: Pedagógicos (aqueles relacionados a prática do professor na perspectiva de uma “doutrina”, que podem nos orientar na prática pedagógica em sala de aula); Disciplinares (relacionados a prática do professor por meio das formações iniciais/continuadas relacionadas a várias áreas/disciplinas); Curriculares (articulados aos currículos escolares aos quais os professores precisam compreender/aplicar em sala de aula); Experienciais (originam-se do dia a dia em sala de aula (experiência), definindo um saber fazer próprio do professor); Formação Profissional (emanam das instituições que formam professores).

Com relação a esses saberes, Tardif (op. cit.) os distingue como: Temporais (alcançados com o passar do tempo); Plurais e Heterogêneos (tem origens variadas na constituição do ser professor); Personalizados e Situados (são naturais, efetivados, subjetivados por meio de um determinado trabalho em particular).

Gauthier (1998) compartilha (em muitos pontos) das ideias postuladas por Tardif (2002). Destaca seis saberes imprescindíveis para a prática docente, objetivando ultrapassar uma ação pedagógica sem saberes e saberes sem ofício (SILVA, 2011; SILVA; MALHEIRO, PAULETTI, 2022): Curriculares (relacionado aos conteúdos disciplinares com base em programas escolares); das Ciências da Educação (aqueles exclusivos dos professores, ou seja, um saber profissional próprio, não relacionado exclusivamente a prática de sala de aula); da Tradição Pedagógica (diz respeito a forma de ministrar aula, que é inerente a cada docente, fato que acontece anteriormente ao curso de licenciatura, sendo, portanto, frágil e com grande potencial para equívocos durante a prática pedagógica); Experiencial (refere-se a saberes reservados, que os docentes produzem a partir de suas experiências ao longo dos anos). Torna-se limitado, já que é construído na intuição e falta de argumentos que não podem ser comprovados pelos métodos da ciência); da Ação Pedagógica (construído a partir dos conhecimentos adquiridos pela experiência de sala de aula e que pode ser confirmado com base em pesquisas realizadas).

3 VEREDAS METODOLÓGICAS

Estabelecemos como critério para participar da pesquisa, ter sido professor formador da primeira turma do Curso de Formação de Acupunturistas da ABA em Belém (PA). Fizemos contato por e-mail com todos os professores, todavia, apenas quatro

enviaram o TCLE (Termo Circunstanciado, Livre e Esclarecido) e aceitaram participar, assinando o documento e respondendo o questionário por meio do google formulários.

Objetivando manter o anonimato dos professores que aceitaram participar da pesquisa, elegemos nomes fictícios (para preservar suas imagens) fundamentados nas bases filosóficas da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), que prevê que os fenômenos do universo são produtos do movimento e da mutação dos cinco elementos. Nomeamos os participantes com os nomes dos elementos Fogo, Terra, Metal e Água (LUZ *et al.*, 2022).

Além das perguntas sobre, idade, formação acadêmica, tempo de atuação como acupunturista e professor da ABA, buscamos outras questões, a saber:

- a. Com relação a SUA formação de acupunturista, como você avalia a forma como os seus professores ministraram as aulas?
- b. Que saberes tornam-se necessários para que seus alunos, em processo de formação de acupunturista, tenham êxito em sua futura profissão?
- c. Existe algum ensinamento, além dos conteúdos específicos das disciplinas, que foi passado e que você incorporou a sua prática de professor? Qual (is)?
- d. Na sua opinião, que saberes esses profissionais¹ devem ter para serem considerados como BONS acupunturistas? O que exatamente eles devem saber e saber fazer para atingir esse objetivo?

Dessa forma, considerando os pressupostos de Collado e Sampieri (2014), consideramos que quatro participantes da pesquisa são suficientes para sinalizar resultados confiáveis e fidedignos, pois o pesquisador precisa considerar um espaço e/ou número de pessoas que seja satisfatoriamente adequado para que o pesquisador não se destaque, mas satisfatoriamente pequeno para que não se deixe envolver pela atividade.

Tabela 1: Professores formadores da ABA participantes da pesquisa

Elemento	Formação	Tempo como Prof. Formador
Fogo	Enfermagem	19 anos
Terra	Fisioterapia	10 anos
Metal	Psicóloga	8 anos
Água	Terapeuta Ocupacional	13 anos

Fonte: questionário de pesquisa (Setembro/2021)

3.1 Uma abordagem qualitativa

¹ Se referindo aos alunos da primeira turma do Polo Belém (PA).

Definimos nossa pesquisa como de cunho qualitativo, nas perspectivas anunciadas por Collado e Sampieri (2014), pois as informações constituídas junto aos professores formadores da ABA (Polo Belém) não tiveram tratamento estatístico, onde destacamos: a fonte direta dos dados é o ambiente natural, onde o investigador tem destaque especial; as informações são descritivas predominam (entrevistas semiestruturadas); o destaque maior está com foco no processo e não nos resultados ou produtos; as informações foram intuitivamente analisadas; e, demos grande importância na abordagem durante a relação com os participantes da pesquisa.

Para a interpretação das informações constituídas junto aos professores da ABA, assumimos a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016, p. 15, destaques da autora) como técnica de análise, por considerarmos que a mesma “é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

3.1 Saberes necessários aos acupunturistas: o que pensam nos Professores Formadores da ABA.

Com base em nossa questão de pesquisa de analisar que saberes os professores formadores da ABA (Polo Belém) consideram pertinentes aos acupunturistas neófitos e como esses conhecimentos são movimentados no sentido de realizar atendimentos eficientes, consideramos as impressões registradas nos questionários semiestruturados respondidos pelos participantes da pesquisa.

Objetivando melhor organização das informações constituídas junto aos professores formadores da ABA, os saberes foram organizados em três eixos, levando em conta as perspectivas de análise propostas por Bardin (2016). As categorias foram construídas a partir das respostas dos participantes da pesquisa: Ensinaamentos além dos conteúdos; Saberes para o êxito profissional e Saberes do bom acupunturista.

Portanto, as categorias apresentadas subsidiarão nossas análises, entendendo que as mesmas nos fornecem um panorama dos desafios que os futuros acupunturistas precisaram enfrentar para terem uma prática eficiente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas categorias de análises que emergiram das respostas dos participantes da pesquisa, passamos a apresentar os resultados que conseguimos alcançar, seguido das referidas discussões.

4.1 Ensinaamentos além dos conteúdos

Nessa primeira categoria, os professores formadores apresentam suas impressões acerca da pergunta: “Existe algum ensinamento, além dos conteúdos específicos das disciplinas, que foi passado e que você incorporou a sua prática de professor? Qual (is)?” A maioria dos entrevistados, apesar de a questão ressaltar a não relação com as disciplinas do curso, acabam por destacar conteúdos que, de certa forma, fazem parte das disciplinas e/ou discussões que acontecem durante as aulas, o que se aproxima dos saberes disciplinares, propostos por Tardif (2002) e aos saberes curriculares considerados por Gauthier (1998), ambos relacionados as disciplinas que compõe a estrutura curricular dos cursos. Portanto, foi possível perceber que as ideias manifestadas por Tardif (2002) estão estritamente ligadas as considerações postulados por Gauthier (1998), pois os professores da ABA destacam que

Muitas técnicas de massagem, ventosa, estética, reiki entre outras (Fogo);

Sempre há. A cultura chinesa na qual a medicina está inserida é um universo cheio reflexões e saberes. O que quero dizer que são incontáveis os assuntos que surgem dentro da formação em acupuntura. Mas para ser um pouco mais direto a pergunta, atualmente dois assuntos que me surgiram na formação são foco de meus estudos e diversão, o pensamento e a língua chinesa (Terra);

Passei a estudar, entender e interpretar os clássicos (Metal);

Sim. Principalmente o modo de ver a vida. Levar a vida com mais leveza. Ver o outro com um olhar mais holístico. “Ver o doente e não a doença”. Ser humilde e caridosa. E sempre que puder, ajudar (Água).

Apesar de Fogo, Terra e Metal ressaltarem a importância do domínio dos conteúdos (realmente pontos básicos para o êxito de qualquer profissão), Água vai além, pois percebe a importância de “levar a vida com mais leveza... Ter olhar holístico... Ver o doente e não a doença... Sempre ajudar”. Além dessas considerações se concatenarem com as ideias postuladas por Machado, Oliveira e Fachine (2012), essas perspectivas vão ao encontro da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (BRASIL, 2006), ao destacar que a Acupuntura deve abranger de forma integral e dinâmica a dualidade saúde-doença da pessoa. Ou seja, a acupuntura é vista “como uma forma mais natural de tratar uma disfunção sem o perigo da iatrogenia da medicina convencional” (COUTINHO; DULCETTI, 2015, p. 798).

Nessa perspectiva, podemos destacar também que Água, de certo modo, busca tratar nas pessoas os males do corpo e da psique de forma humanística (PIVETTA, 2015,

ROCHA; GALLIAN, 2016; TESSER; DALLEGRAVE, 2020), considerando que a prática acupunturista deve ir “além das agulhas” (NUNES *et al.*, 2017), não se resumindo a apenas ouvir a queixa da pessoa e inserindo a agulha no ponto correspondente.

Além disso, o pensamento de Água de considerar o doente de forma holística e não olhar apenas para a doença, de também sempre estar disposto a ajudar, a se doar pelo outro, coincide com as palavras do prof. Evaldo Leite, quando na sua entrevista sintetiza que sua missão como acupunturista é transformar sua ação como “arma para ajudar o outros. Acredito que ajudei e ajudo, ensinei e ensino a ajudar” (ROCHA; GALLIAN, 2016, p. 246).

Portanto, podemos perceber que a Água se posiciona em consonância com os princípios da MTC que “se propõe compreender o homem como parte da natureza, interagindo com esta de acordo com os princípios da dualidade dinâmica *Yin/Yang* e da concepção dos Cinco Elementos ou Cinco Movimentos” (IORIO; ALVARENGA; YAMAMURA, 2004, p. 224). Essa integração e interação entre ser humano e natureza que está na base dessa medicina milenar que denominamos de medicina chinesa (TESSER; DALLEGRAVE, 2020).

4.2 Saberes para o êxito profissional

Nessa segunda categoria, os participantes da pesquisa se posicionaram com relação a seguinte questão: “Que saberes tornam-se necessários para que seus alunos, em processo de formação de acupunturistas, tenham êxito em sua futura profissão?” Dois professores formadores fizeram considerações mais específicas ao domínio dos conteúdos disciplinares/conteúdos do curso (Fogo e Terra) e os outros dois (Metal e Água) destacaram perspectivas mais humanísticas e de formação continuada na profissão.

Fisiologia energética é a base de todo conteúdo teórico que será realizado na prática (Fogo);

Os da grade curricular são bastante satisfatórios para a habilitação e o trilhar no caminho da acupuntura. Mas dentro do currículo pode-se destacar. Teoria de canais e colaterais, Zang Fu, Diagnóstico, Pontos específicos;

Shu de transporte, Wu Xing (Terra);

Entender que a acupuntura vai muito além da inserção de agulha (Metal);

Saber que estamos sempre em processo de aprendizagem, que a todo momento devemos nos permitir aprender coisas novas e saber que nunca seremos detentores de todos os saberes. E que estamos aqui para sermos mediadores do bem-estar e da qualidade de vida de nossos pacientes (Água).

Podemos considerar que Fogo leva em consideração tanto os saberes disciplinares, oriundos dos conteúdos discutidos nas disciplinas do curso de formação, quanto os saberes pedagógicos, que serão mobilizados na prática (GAUTHIER, 1998; TARDIF, 2002), ou seja, durante o atendimento das pessoas. Além disso, podemos também considerar que esses saberes são plurais e heterogêneos, haja vista que foram construídos e efetivados durante as ações que realizamos na prática. Nas perspectivas apresentadas por Gauthier (1998), consideramos que Fogo considera muito importante, tanto os saberes experienciais, quanto os da ação pedagógica, haja vista que além da teoria, precisamos desenvolver com eficiência a prática eficiente com as pessoas que procuram nossa ajuda.

Terra, por sua vez, sobreleva apenas os saberes curriculares, ao mencionar apenas a “grade curricular” e os conteúdos, sem considerar outros fatores também importante para uma prática de atendimento eficiente (GAUTHIER, 1998). É possível perceber também que os saberes da formação profissional (destacados nos fundamentos epistemológicos de Tardif (2002) e Gauthier (1998)), se destacam nas palavras de Terra, ao se referir a conteúdo específicos, como: “Teoria de canais e colaterais, Zang Fu, Diagnóstico, Pontos Shu de transporte, Wu Xing”

Metal, ao contrário, destaca uma visão bem diferenciada ao considerar que a acupuntura “vai muito além da inserção das agulhas”, mostrando uma personalidade mais próxima de uma visão holística, de uma formação mais humanística que se preocupa com a pessoa em si, muito além da doença (PIVETTA, 2015; TESSER; DALLEGRAVE, 2020).

Água, se destaca dos demais participantes ao considerar que “estamos sempre em processo de aprendizagem, que a todo momento devemos nos permitir aprender coisas novas e saber que nunca seremos detentores de todos os saberes”. Essa perspectiva vai ao encontro do pensamento de Freire (2001), ao considerar que nós enquanto pessoas, somos seres inacabados, que precisamos constante estar em busca de nos tornar uma pessoa melhor, quer na aquisição de novos conhecimentos, quer no atendimento ao próximo, procurando acolhê-lo da melhor forma possível.

4.3 Saberes do bom acupunturista

Por fim, nessa última categoria os professores formadores responderam a seguinte questão: “Em aproximadamente seis meses, cerca de 25 alunos estarão se tornando acupunturistas. Na sua opinião, que saberes esses profissionais devem ter para serem

considerados como BONS acupunturistas? O que exatamente eles devem saber e saber fazer para atingir esse objetivo?”

Embora a pergunta abra a possibilidade de os participantes da pesquisa se posicionarem de sob vários aspectos, os mesmos se expressaram da seguinte forma:

Energética, reequilíbrio energético de acordo com os 5 elementos e localização de pontos (Fogo);

Acalmar o espírito, trabalhar o "coração do terapeuta", cuidar de si, ter a intenção correta, refinar as técnicas e ser sincero (Terra) (destaque do participante);

Ter empatia! Compreender o ser humano como um todo! Um olhar humanizado e acolhedor, entender que a acupuntura não é regra e nem técnica, cada indivíduo é único e tem suas particularidades (Metal);

Seguir os ensinamentos tradicionais chineses para um tratamento seguro e eficaz. Seguir os preceitos dos 5 elementos, do I ching, de Zang Fu e pensar que sempre pode ajudar (Água).

Em seu entendimento, Fogo considerou que somente o “reequilíbrio energético de acordo com os 5 elementos e localização de pontos” seriam suficientes para que os acupunturistas neófitos fossem considerados BONS pelas pessoas que atendessem. O posicionamento de Fogo corresponde aos saberes disciplinares e aos saberes da formação profissional, pois se relacionam da prática com base nos conteúdos aprendidos durante cursos, oficinas, etc., que são ministrados nas instituições de ensino (TARDIF, 2002; GAUTHIER, 1998). Além disso, poderíamos considerar que os saberes curriculares também estariam sendo mobilizados de modo implícito, haja vista que os conteúdos aprendidos durante o curso de formação de acupunturistas, deveriam ser colocados em prática durante os atendimentos (TARDIF, 2002). Se considerarmos os saberes postulados por Gauthier (1998), certamente que o posicionamento de Fogo se enquadra muito bem aos chamados saberes curriculares (ao focar explicitamente nos conhecimentos acerca dos cinco elementos, localização do pontos e reequilíbrio energético).

Com relação as declarações de Terra, Metal e Água, podemos perceber que, de um modo geral, as ideias se aproximam, mesmo que Água, assim como Fogo, tenha ressaltado muito a questão dos preceitos que envolvem os cinco elementos, mas o que ficou mais evidente foi o caráter humanístico ao considerar a importância de “acalmar o espírito... o coração do terapeuta... cuidar de si... ser sincero” (Terra). Além de

“compreender o ser humano como um todo... um olhar humanizado e acolhedor” (Metal) e “pensar que sempre pode ajudar” (Água).

Pelas declarações desses participantes da pesquisa, podemos perceber claramente que para eles “a saúde e a doença não são vistas como estados estanques, distintos e bem delimitados, mas como uma espécie de amálgama composto por forças mais ou menos determinantes” (IORIO; ALVARENGA; YAMAMURA, 2004, p. 224). O que vai ao encontro das ideias postuladas pelo prof. Evaldo Leite ao considerar essa visão holística do sujeito que o terapeuta precisa ter, nunca esquecendo que precisam ser “uma arma para ajudar os outros” (ROCHA; GALLIAN, 2016, p. 246).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar acupunturistas em um mundo de transformações constantes e em meio a uma pandemia que vitimou mais de seiscentos mil brasileiros não é tarefa fácil, haja vista que tantos os professores formadores, quanto seus alunos foram (e estão sendo) de alguma forma afetados, quer por sequelas físicas, quer por sequelas psíquicas, advindas do covid-19.

Todavia, precisamos considerar a possibilidade de formar acupunturistas para além dos saberes disciplinares, curriculares e pedagógicos. É necessário ir além, até por que os fundamentos básicos da acupuntura já indicam que os profissionais dessa área precisam ter um olhar mais holístico, procurando perceber os males que afetam a pessoa, mas que muitas vezes, se escondem atrás dos sintomas das doenças relatados. É preciso considerar a pessoa como um todo, com suas idas e vindas, seus altos e baixos... uma pessoa que ainda está em construção num mundo em transformação. O lado humano precisa prevalecer.

Consideramos ainda que na formação dos futuros acupunturistas, é imprescindível uma correta e precisa formação construída sob referenciais teóricos, técnicos e científicos da Medicina Tradicional Chinesa, em especial a acupuntura, foco da nossa pesquisa. Portanto, a discussão acerca dos aspectos éticos, humanos e sociais devem ser levados em conta ao se pensar a formação de acupunturistas. Assim, esse olhar da acupuntura como procedimento transdisciplinar precisa ser levado em conta, haja vista que boa parte da nossa gente, não tem acesso pleno a assistência à saúde, onde em muitos lugares, conseguir uma consulta com um médico é muito difícil.

Nesse sentido, perceber o modo subjetivo que deve existir na relação terapeuta-paciente é um fator ímpar que deveria ser considerado nos cursos de formação de novos acupunturistas. É imperativo que o futuro acupunturista seja capaz de apreender a realidade das pessoas que os procuram, ouvir suas queixas e, além de diagnosticar sua possível enfermidade, realizar o diagnóstico, e auxiliá-lo em sua terapia.

Levar em conta a visão holística de pessoa e de mundo preconizada pela Medicina Tradicional Chinesa – que estima as informações de doença subjetivas de cada doente -, devem permitir ao terapeuta uma compreensão melhor das queixas que o paciente relata acerca dos sintomas e uma percepção mais abrangente da doença, convergindo para melhor conformação diagnóstica e terapêutica.

Seria necessário formar acupunturistas que possam compreender “o fenômeno da desarmonia na vida do indivíduo, tendo-se a noção de que o corpo não está isolado, mas em ressonância com o universo”. Ou seja, “cultiva-se a saúde, e aos pequenos sinais de perturbação na circulação harmônica dos sopros Yin e Yang, busca-se a prevenção de sua manifestação na forma de enfermidade, por meio do incentivo ao autoconhecimento e da percepção do estado de saúde” (COUTINHO; DULCETT, 2015, p. 809).

Consideramos ainda, que é imprescindível na sociedade atual, formar acupunturistas que possam ser capazes de refletir e se posicionar criticamente com relação a não disponibilidade pelos sistemas de saúde do oferecimento das terapias alternativas a população em geral, em especial a acupuntura, que já deveria estar presente em todas unidades básicas de saúde, proporcionando uma maior aproximação entre os terapeutas e as pessoas que precisam de atendimento, o que poucas vezes ocorre na prática da medicina tradicional.

Agradecimentos

Ao CNPq pela concessão de bolsa produtividade em pesquisa nível 2 a um dos autores do artigo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf Acesso em: 24 fev. 2022.

CARNEVALE, R. C.; BRANDÃO, A. L.; FERRAZ, R. O.; BARROS, N. F. O Ensino de Acupuntura na Escola Médica: interesse e desconhecimento. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Campinas (SP), v. 4, n. 01, p. 134-144, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/fdTrnmHMphTWJ9xrnpqtYtK/abstract/?lang=pt> Acesso em: 24 fev. 2022.

CINTRA, M. E. R.; PEREIRA, P. P. G. Percepções de corpo identificadas entre pacientes e profissionais de medicina tradicional chinesa do Centro de Saúde Escola do Butantã. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 21, n. 1, p.193-205, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/XtvxBxqGYJPB8zHgcnkLwXk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 nov. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000100019>

COLLADO, C. F.; SAMPIERI, R. H. **Metodologia da Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2014.

COUTINHO, B. D.; DULCETTI, P. G. S. O Movimento Yin e Yang na Cosmologia da Medicina Chinesa. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos (RJ), v. 22, n. 3, p. 797-811, jul-set, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/YWRvdMQ73bgFzvSp7SCKryM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 fev. 2022.

ESTEVES, J. L. S. *et al.* Uso da Acupuntura no Tratamento de Bruxismo. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 15, n. 1, p. 763-773, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4140/3114> Acesso em: 20 nov. 2022. Doi: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i1.4140>

FIORENTINI, D. *et al.* O desafio de ser professor de Matemática hoje no Brasil. IN: FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. (orgs.). **Cultura, Formação e Desenvolvimento Profissional de Professores que Ensinam Matemática**: investigando e teorizando a partir da prática. São Paulo. Musa Editora, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GAUTHIER, C. **Por uma Teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí (RS): Unijuí, 1998.

IORIO, R. C.; ALVARENGA, A. T.; YAMAMURA, Y. Acupuntura no Currículo Médico: Visão de Estudantes de Graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro (RJ), v. 28, n. 1, p. 223-233, set/dez, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/GSDnvwkHyZKVHvYVmpCXvjD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 fev. 2022.

LUZ, G. M.; BARROS, C. S.; ARSLAN, L. M.; PAREJA FILHO, H. J.; SHUSTERMAN, RICHARD. **Cuidados silenciosos no zumbir da educação**: integração corpo-mente-cultura no processo de ensino-aprendizagem. 1. ed. Uberlândia, MG: Regência e Arte Editora, 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220810072321id_/https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/978-65-86906-13-4 Acesso em: 20 nov. 2022.

MÜLLER, T. L. **Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica do Sistema Único de Saúde do município de Porto Alegre, RS**: desafios atuais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157530> Acesso em: 20 nov. 2022.

NGUYEN, V.; NGUYEN, C. R. N. **Medicine Traditionelle Chinoise**. Marseille (FR): Édition NVN, 1984.

NUNES, M. F.; JUNGES, J. R.; GONÇALVES, T. R.; MOTTA, M. A. A Acupuntura vai além da agulha: trajetórias de formação e atuação de acupunturistas. **Saúde Soc.**, São Paulo (SP), v. 26, n. 1, p. 300-311, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YY9ts75mZFyf7d9ZV46q3BM/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 24 fev. 2022.

MACHADO, M. M. T.; OLIVEIRA, J. C.; FECHINE, Á. D. L. Acupuntura: Conhecimento e Percepção de Professores Universitários. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 36, n. 1, p. 41-49, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/XsmQNfPrmcCnwWwp955dm8N/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 20 nov. 2022.

PIVETTA, A. **Ensino e Aprendizagem sobre Medicina Tradicional Chinesa e Técnicas de Acupressão como possibilidade de cuidado em Saúde**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Santa Maria (RS), 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7442/PIVETTA%2c%20ADRIELI.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 nov. 2022.

ROCHA, S. P.; GALLIAN, D. M. C. A Acupuntura no Brasil: uma concepção de desafios e lutas omitidos ou esquecidos pela história – Entrevista com Dr. Evaldo Martins Leite. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo (SP), v. 20, n. 56, p. 239-247, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/gCVLvDC85XwZVKhfKwdtPLC/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 24 fev. 2022.

SILVA, E. D. C.; TESSER, C. D. Os predicados positivos desses docentes que se dedicam de “corpo e alma” a ação docente, os destacam dos demais por suas práticas dinâmicas e contextualizadas que se tornam referência para todos. **Cad. Saúde Pública**, v. 29, n. 11, nov./2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/FkQRzB95pLk64PfJgJBbnrR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 nov. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00159612>

SILVA, M. G. M. **Os Saberes Docentes Necessários a um Educador Matemático: o que pensam os professores-formadores numa perspectiva de formação inicial**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Matemática, Campus Universitário de Castanhal (PA), Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2011.

SILVA, M. G. M.; MALHEIRO, J. M. S.; PAULETTI, F. Os Saberes Docentes necessários a um Educador Matemático: o que pensam os Professores-Formadores numa perspectiva de Formação Inicial? **E-Book VII Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências**. Campina Grande, 6-8 jul. 2022. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/87870> Acesso em: 17 nov. 2022.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

TESSER, C. D.; DALLEGRAVE, D. Práticas integrativas e complementares e medicalização social: indefinições, riscos e potências na atenção primária à saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 9, 2020. e00231519. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/fNcSWwm5tSXLjcxYV7ncj5p/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 nov. 2022. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00231519>